

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

21 – O Poder dos Instrumentos (I)

05.06.22

(Parte IV – Capítulo XIV)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -
Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo
2020 - 2022

1

PERFEIÇÃO DOS INSTRUMENTOS					
IGUALDADE	PLENOS PODERES				EVOLUÇÃO
Superioridade às reações da mente e vida - Unidade - Entrega - Desapego - Aceitação	ELEVAÇÃO DA NATUREZA - Inteligência - Coração - Mente - Vida - Corpo	FORÇA DE ALMA (Purusha) - Conhecer - Vigor - Mutualidade - Serviço	SHAKTI DIVINA Substituir energia e vontade pessoais pela ação da Shakti	SHRADHA Fé na presença e poder do Divino em nós e em suas efetuações	Mente intuitiva M. Iluminada Sobremente Supramente Ser Gnóstico
LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO			LIBERTAÇÃO DA NATUREZA		
DESEJO: (semente) - Passivo: imóvel, sem expectativa - Ativo: imóvel e impessoal na mente Suprema Vontade age através dos instrumentos purificados	EGO: (existência separativa) - Estabelecer-se na idéia de unidade com o Divino Transcendental e com o Ser Universal - Entrega - vontade sem desejo	DUALIDADES: belo / feio, sucesso / fracasso - Livrar-se do apego - Afastar-se das dualidades pelo retirar-se interior	3 GUNAS: superioridade - Tamas: quietude, calma divina - Rajas: vontade do espírito - Sattva: luz do Ser divino		
PURIFICAÇÃO					
BUDDHI - INTELIGÊNCIA E VONTADE (inteligência discernidora e vontade iluminada)			MANAS - MENTALIDADE INFERIOR (mentalidade animal, física ou sensorial)		
- Início da purificação: na Buddhi - Principal força para a efetuação: a vontade inteligente - 1º passo: desembaraçar-se do prana de desejo, transformando o ser vital em um instrumento obediente de uma mente livre - Separar ação e pensamento da mentalidade sensorial (desligamento do controle das sugestões de nossa natureza inferior) - Discernir a preocupação com coisas da natureza daquilo que a faz submissa à mente sensorial			- Mente emocional: inclinação / aversão atração / repulsa - apego - Mente receptiva e emocional (base da afeição): inclinação / aversão emocionais - Mente ativa sensorial (mente de impulso dinâmico): canal de resposta emocional - Obstáculo: desejo -> distinguir entre vontade e desejo, entre o prana psíquico e o prana físico - Antes da purificação: dominar a intermitência e o clamor compelidor do prana psíquico, aquietá-lo e prepará-lo para a purificação		

2

A segunda parte do loga da autoperfeição trata do poder aumentado, ampliado e retificado dos instrumentos de nossa natureza normal.

O cultivo dessa segunda perfeição não precisa esperar que a igualdade da mente e do espírito esteja solidamente estabelecida, mas isso é indispensável para que o poder dos instrumentos possa se tornar completo e agir com a segurança da direção divina.

O objetivo desse cultivo é fazer da natureza um instrumento capaz de cumprir as obras divinas.

3

Todo trabalho é feito por um poder,
pela Shakti,
e visto que o loga integral não pede o abandono das obras,
mas, ao contrário,
a execução de todas as obras
em uma consciência divina
e com a guiança suprema,
os poderes característicos dos instrumentos
– mente, vida e corpo –
devem ser, não só purificados de defeitos,
mas elevados à aptidão necessária para essa ação mais vasta.

No final,
eles devem passar por
uma transfiguração espiritual
e supramental.

4

Essa segunda parte da sadhana
ou disciplina da autoperfeição,
compreende quatro elementos,
e o primeiro deles é a shakti justa,
a condição justa dos poderes da
inteligência, do coração, da mente vital e do corpo.

No presente, será possível apenas sugerir a perfeição preliminar
do último desses quatro – o corpo –
pois nos ocuparemos da siddhi completa
após termos falado sobre a supramente
e sua influência sobre as outras partes do ser.

O corpo é não apenas o instrumento exterior
necessário à parte física da ação,
mas é também, para os propósitos dessa vida,
a base e o ponto de apoio para toda ação interior.

5

Todas as operações da mente ou do espírito
produzem uma vibração na consciência física,
registram-se nela por uma espécie de notação corporal secundária
e comunicam-se com o mundo material por meio da máquina física,
ao menos em parte.

Mas o corpo humano tem limitações naturais em sua capacidade,
e as impõe ao modo de funcionar das partes superiores de seu ser.

Ademais, ele tem uma consciência subconsciente própria,
onde guarda com uma fidelidade obstinada os hábitos do passado
e a natureza passada do ser mental e vital;

essa subconsciência se opõe automaticamente
a toda e qualquer mudança ascendente,
a obstrui ou, no mínimo, a impede de tornar-se
uma transformação radical da natureza inteira.

6

É evidente que se quisermos ter
uma ação divina ou espiritual e supramental livre,
dirigida pela força de uma energia mais divina
e que responda a um caráter divino,
uma transformação bem completa deve efetuar-se
no caráter externo da natureza corporal.

O ser físico foi sempre considerado
como um grande empecilho
por aqueles que buscam a perfeição,
e formou-se o hábito de rejeitá-lo
com desprezo, recusa ou aversão
e o desejo de suprimir por completo,
ou o tanto quanto possível,
o corpo e a vida física.

Mas esse não pode ser o método correto para o loga integral.

7

O corpo nos é dado como um instrumento necessário
para a totalidade de nossas obras e devemos usá-lo,
não negligenciá-lo, causar-lhe dano, reprimi-lo ou aboli-lo.

Se ele é imperfeito, recalcitrante, obstinado,
as outras partes também o são:
o ser vital, o coração, a mente e a razão.

Como elas, ele deve ser mudado e aperfeiçoado
e, como elas, passar por uma transformação.

Assim como devemos criar para nós
uma vida nova, um coração novo, uma mente nova,
da mesma maneira, em certo sentido,
devemos construir para nós mesmos
um corpo novo.

8

A primeira coisa que a vontade deve fazer em relação ao corpo é impor-lhe de modo progressivo um novo hábito, a todo o seu ser, a toda a sua consciência, força e ação interior e exterior.

Ele deve aprender a ser de todo passivo – primeiro, entre as mãos de instrumentos superiores, mas, no final, entre as mãos do espírito e de sua Shakti, aquela que dirige e inspira.

Ele deve habituar-se a não impor seus limites aos elementos mais nobres, mas a adaptar sua ação e sua resposta às ordens deles, elaborar, poderíamos dizer, uma notação superior, uma gama superior de respostas.

9

No presente, a notação do corpo e da consciência física têm um grande poder determinante sobre a música feita por essa harpa humana de Deus; as notas que recebemos do espírito, da alma psíquica, da vida mais vasta detrás de nossa vida física, não podem entrar livremente, não podem desenvolver sua melodia própria, nobre e poderosa.

Essa condição deve ser revertida, o corpo e a consciência física devem adquirir o hábito de receber essas melodias superiores e de deixar-se modelar por elas, e nem o corpo, nem a consciência física, mas as partes mais nobres da natureza devem determinar a música de nossa vida e de nosso ser.

10

Controlar o corpo e a vida pela mente e seu pensamento e sua vontade é o primeiro passo para essa mudança.

Todo loga implica levar esse controle a um nível muito alto.

Mas, depois, a própria mente deve dar lugar ao espírito, à força espiritual, à supramente e à força supramental.

E, por fim, o corpo deve adquirir o perfeito poder de guardar a força que o espírito lhe insufla e conter sua ação sem derramá-la nem desperdiçá-la, e sem romper-se.

Ele deve ser capaz de deixar-se preencher e de ser utilizado de maneira poderosa por qualquer intensidade de força espiritual ou da mente superior ou da vida, sem que nenhuma parte do instrumento mecânico se agite, se abale, se quebre ou se danifique pelo fluxo ou pela pressão

11

(acontece com frequência que o cérebro, a saúde vital ou o caráter moral sejam lesados naqueles que tentam, por insensatez, práticas ióguicas sem preparação ou por meios indevidos ou que, por imprudência, convidam um poder que não podem sustentar intelectual, vital e moralmente) e, assim preenchido, o corpo deve ser capaz de funcionar de maneira normal, automática e justa, conforme a vontade desse agente espiritual ou outro, ainda incomum, sem distorcer, diminuir ou traduzir mal sua intenção e sua intensidade.

Essa faculdade de conter, *dharana-sakti*, na consciência física, na energia e no mecanismo físico é a mais importante *siddhi*, ou perfeição, do corpo.

12

O resultado dessas mudanças será
tornar o corpo um perfeito instrumento do espírito.

A força espiritual será capaz de fazer o que quiser
no corpo e por meio do corpo.

Ela será capaz de conduzir uma ação ilimitada da mente
ou, em um estágio superior, da supramente,
sem que o corpo traia a ação por
fatica, incapacidade, inaptidão ou falsificação.

Ela será capaz também de derramar no corpo
uma grande torrente de força vital
e conduzir uma vasta ação com a alegria de um ser vital aperfeiçoado,
sem essa querela e essa disparidade
que marcam as relações habituais dos instintos e impulsos vitais
com o instrumento físico insuficiente que eles são obrigados a usar.

13

E ela será capaz também de conduzir
uma ação completa no ser psíquico espiritualizado
sem que ele seja falsificado, degradado,
nem de nenhum modo desfigurado
pelos instintos inferiores do corpo;

ela usará a ação e a expressão físicas
como notação livre da vida psíquica superior.

E no próprio corpo haverá a presença
de uma imensa força sustentadora,
a abundância de um vigor e energia,
a potência de uma força de expansão e organização,
uma leveza, rapidez e adaptabilidade do ser físico e nervoso,
um poder responsivo que sustenta, em toda a máquina física,
todas as suas fontes motoras, de que ele é incapaz agora,
mesmo em seu estado melhor e mais vigoroso.

14

Em sua essência,
 essa energia não será uma força exterior física ou muscular;
 ela será, primeiro, da natureza de um poder vital,
 uma força prânica sem limites;
 em seguida, a sustentar e usar essa energia prânica,
 manifestar-se-á um poder-vontade superior e supremo
 que agirá no corpo.

As operações da *Shakti* prânica no corpo ou nas formas
 são a condição de toda ação,
 mesmo da ação física mais inanimada em aparência.

É o prana universal, como os Antigos sabiam,
 que, sob várias formas,
 sustenta ou aciona a energia material em todas as coisas físicas,
 do elétron e do átomo, do gás até o metal,
 até a planta, o animal, o indivíduo físico.

15

Fazer com que essa *shakti* prânica aja
 de maneira mais livre e poderosa no corpo
 é a tentativa de todos aqueles,
 quer eles saibam, quer não,
 que se esforçam para alcançar
 uma perfeição maior do corpo ou no corpo.

O indivíduo comum
 tenta comandar essa *shakti* prânica de maneira mecânica,
 por meio de exercícios físicos e outros meios corporais;

o *hatha*-iogue,
 de maneira mais vigorosa e mais flexível,
 mas ainda mecânica,
 esforça-se mediante o uso de *asanas* e *pranayama*;

16

mas para nosso propósito,
essa *shakti* prânica pode ser comandada por meios mais sutis,
mais essenciais, mais maleáveis,
primeiro, por uma vontade na mente,
que se abre plenamente à *shakti* prânica universal em que nos nutrimos
e dirige a ela um forte chamado,
para fixar de maneira mais forte e mais sólida
sua presença e sua ação no corpo;
em seguida, por essa vontade na mente,
mas que agora se abre ao poder do espírito,
ele chama uma energia prânica superior, do alto:
uma força prânica supramental;
o terceiro, último passo,
pela suprema vontade supramental do espírito,
que entra no corpo e assume de modo direto a tarefa de aperfeiçoá-lo.

17

De fato, na verdade
é sempre uma vontade dentro que
aciona o instrumento prânico e o torna efetivo,
mesmo quando ela usa meios que parecem ser puramente físicos;
mas, no início, ela depende da ação inferior.
Quando nos elevamos, a relação aos poucos se inverte;
a vontade, então, é capaz de agir em seu poder próprio
ou de utilizar esses outros meios
apenas como instrumentos subordinados.

18

A maioria dos seres humanos
 não é consciente dessa energia prânica no corpo
 ou não pode distingui-la da forma de energia, mais física,
 que ela anima e usa como veículo.

Mas à medida que a consciência se torna mais sutil pela prática do Ioga,
 começamos a perceber a imensidade de *shakti* prânica que nos circunda,
 senti-la com a consciência mental,
 de modo concreto com um sentido mental,
 ver suas correntes e seus movimentos,
 dirigi-la e agir sobre ela de imediato pela vontade.

Porém, até que possamos percebê-la assim,
 devemos ter uma fé prática, ou ao menos experimental,
 em sua presença
 e no poder da vontade de desenvolver uma mestria
 e um uso maiores dessa força prânica.

19

É necessário uma fé, *sraddha*, no poder que a mente possui
 de impor sua vontade ao estado e à ação do corpo,
 como fazem aqueles que curam as doenças
 pela fé, pela vontade ou pela ação mental;
 mas não devemos buscar esse controle
 apenas para esse ou aquele uso limitado,
 mas de modo geral,
 como um poder legítimo do instrumento interior e superior
 sobre o instrumento exterior e inferior.

Essa fé é combatida por nossos antigos hábitos mentais,
 por nossa experiência normal,
 prática da relativa incompetência da mente
 em relação a nosso sistema atual imperfeito
 e pela falta de fé do corpo
 e da consciência física.

20

Pois esses também têm uma *sraddha* limitada
 que lhes é própria
 e resistem à ideia da mente
 quando ela busca impor ao sistema
 a lei de uma perfeição mais alta
 ainda não alcançada.

Mas se persistirmos,
 perceberemos que esse poder dá evidências de si mesmo
 à nossa experiência;
 a fé da mente encontrará uma base mais firme
 e poderá crescer em vigor;
 a fé contrária do corpo mudará,
 admitirá o que negou no início,
 e não só aceitará em seus hábitos o novo jugo,
 mas ela mesma invocará essa ação superior.

21

Por fim, compreenderemos essa verdade, a saber,
 que esse ser que nós somos
 é, ou pode se tornar,
 tudo em que ele tenha fé
 e tudo o que ele tenha vontade de ser
 – pois a fé não é mais que uma vontade
 que busca uma verdade mais vasta –
 e cessaremos de fixar limites para nossas possibilidades
 ou de negar a onipotência potencial do Self em nós,
 o Poder divino que age por meio do instrumento humano.

Mas essa fé, ao menos enquanto força prática,
 vem mais tarde,
 em um estágio posterior de alta perfeição.

22

O Prana é não só a força destinada à ação da energia física e vital,
mas sustenta também a ação mental e espiritual.

Por conseguinte,
o modo de funcionar completo e livre da *shakti* prânica
é indispensável aos usos inferiores ainda necessários,
mas também às operações completas e livres
da mente, da supramente e do espírito
nos instrumentos de nossa natureza humana complexa.

Essa é a razão principal pela qual
os exercícios de *pranayama* têm uma parte tão importante,
e indispensável,
em certos sistemas de ioga
para controlar a força vital e suas moções;
esse mesmo controle
deve ser adquirido pelo buscador do ioga integral;

23

mas ele pode obtê-lo por outros meios
e, de qualquer modo, ele não deve depender
de nenhum exercício físico ou respiratório
para adquiri-lo ou mantê-lo,
pois isso seria introduzir em seguida
uma limitação e uma sujeição à *Prakriti*.

As instrumentações da *Prakriti*
devem ser usadas com flexibilidade pelo *Purusha*,
mas não devem impor um controle inalterável ao *Purusha*.

A necessidade da força prânica,
contudo, continua,
e será evidente para nosso estudo de nós mesmos
e para nossa experiência.

24

Segundo a imagem védica,
o prana é o corcel e o veículo
da vontade e da mente encarnadas,
vahana.

Se estiver cheio de força e rapidez
e na plenitude de todos os seus poderes,
então a mente poderá seguir os cursos de sua ação,
em um movimento completo e sem entraves.

Mas se estiver enfermo ou cansar-se rápido,
se for vagaroso ou fraco,
a efetuação da vontade e a atividade mental
serão afetadas pela incapacidade.

A mesma regra aplica-se à supramente,
quando começa a entrar em ação.

25

Na verdade, existem estados e atividades
em que a mente abarca por completo a *shakti* prânica
e em que essa dependência não é sentida de nenhum modo;

mas mesmo assim, a força prânica está aí,
embora envolvida na energia mental pura.

A supramente, quando chega à força plena,
pode muito bem fazer o que quiser da *shakti* prânica;

percebemos que, por fim,
esse poder vital é transformado
em uma espécie de prana supramentalizado,
que é simplesmente um dos poderes motores
dessa consciência mais vasta.

Mas isso pertence a uma etapa posterior
da *siddhi* do loga.

26